



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
HISTÓRIA – LICENCIATURA (DIURNO)

**VINÍCIUS MIRANDA TOURET DE FARIA**

BLITZKRIEG: MITO OU LENDA? UMA ANÁLISE DO SUCESSO E FRACASSO  
DA DOCTRINA DE GUERRA ALEMÃ

Brasília - DF

2020

**Vinicius Miranda Touret de Faria**

**BLITZKRIEG: MITO OU LENDA? UMA ANÁLISE DO SUCESSO E FRACASSO  
DA DOCTRINA DE GUERRA ALEMÃ**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de graduação em História Licenciatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

Brasília – DF

2020

# BLITZKRIEG: MITO OU LENDA? UMA ANÁLISE DO SUCESSO E FRACASSO DA DOCTRINA DE GUERRA ALEMÃ

Vinícius Touret<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca elucidar se o fenômeno tático alemão da Segunda Guerra Mundial conhecido como *Blitzkrieg* foi um evento planejado e pensado pelo corpo de oficiais alemão, ou se apenas foi um produto do acaso, alimentado pelas circunstâncias que o cercavam ao período, tendo seu fracasso mais pelas incompetências de seus adversários do que de uma genialidade por trás da tática. Percebeu-se que, apesar da tática ter origem de longa data, suas circunstâncias priorizaram para que tivesse relativo sucesso, porém não se mostrou autossuficiente no cenário final. Por fim buscou-se entender o porquê dessa doutrina ter ultimamente falhado o que consumou o seu abandono até o final do conflito.

**Palavras-chave:** *Blitzkrieg*, Segunda Guerra Mundial, Doutrina de guerra, *Wehrmacht*, Guerra Relâmpago.

## ABSTRACT

The present article aims to elucidate if the phenomenon of the German tactics in early Second World War which was known as the *Blitzkrieg* was a planned event by the German officials, or if it was just a product of chance, fueled by the circumstances surrounding at the time, having its failure more due to incompetence of its opponents than to genius behind its capacity. It was realized that, besides its long date beginning, the circumstances favored for it to have relative success, nevertheless it was not good enough in the bigger picture. Finally, it sought to understand why this doctrine ultimately failed, which was undermined until the end of the conflict.

---

<sup>1</sup> Graduando em História Licenciatura na Universidade de Brasília campus Darcy Ribeiro.  
e-mail: vassalotouret@gmail.com

**Keywords:** *Blitzkrieg*, Second World War, Doctrine of war, *Wehrmacht*, Lightning War.

## INTRODUÇÃO

História é a ciência que estuda as ações do ser humano através do tempo, aqui parafraseando Marc Bloch de uma maneira levemente diferente de sua versão original. É uma boa definição para o estudo que se faz acerca de um dos aspectos mais importantes da vida humana, a cultura, aqui dita como o acúmulo de conhecimento que pode ser passado e reproduzido das maneiras mais variadas possíveis. Nesse sentido pode-se afirmar que este aspecto nem sempre foi o mesmo desde o surgimento da humanidade. Os aspectos que cerceiam a vida humana costumam variar cada vez mais constantemente, principalmente nas últimas décadas e, especialmente, no século XXI.

Aqui temos, entretanto, um desses aspectos que sofreu poucas alterações ao longo dos séculos: a estratégia de guerra. Desde Sun Tzu no século VI a.C. até pelo menos o século XIX, o campo de batalha, embora com suas variações habituais devido à diversidade geográfica, permaneceu com vários aspectos em comum quando se trata de insumos que englobam este campo, como armas, suprimentos, pessoal, linhas de logística, entre outros (guardadas as proporções de quantidade de acordo com cada época analisada). Fala-se aqui no sentido de que sempre se via o inimigo e a guerra era travada corpo-a-corpo, sendo assim tornando-se uma guerra mais pessoal. A partir do século XIX, a impessoalidade da guerra recrudescer drasticamente.

Obviamente, a tecnologia envolvida neste meio mudou ao longo dos séculos, mas antes da utilização da pólvora em um dispositivo capaz de disparar um projétil com relativa acuracidade virar um fato comum, não se havia muita variação de armamentos que se pode encontrar, excetuando técnicas diferentes para criação de algumas armas como é o caso da *katana*, espada conhecida por sua técnica que possibilitava cortes mais rápidos.

Apenas em meados do século XV, começou a se ver algo que poderia ser eficaz com a propulsão da pólvora, como no caso dos janízaros do exército otomano<sup>2</sup>. Todavia, seu uso ainda era restrito a muitos exércitos haja vista a complexidade do mecanismo, seu custo, fabricação entre outros fatores. Mesmo com o advento desse evento

---

<sup>2</sup> NICOLLE, David: *The Janissaries*. 1995 Osprey. p. 21.

mecanizado, as armas de fogo, como ficaram conhecidos em relação às armas brancas (corpo-a-corpo), ainda eram pouco eficazes, só podiam disparar um projétil por vez e tinha precisão ruim. Somente no século seguinte seria inventado um mecanismo que realmente resolveria tal questão, o cano estriado<sup>3</sup>. Entretanto seu uso não seria adotado em massa até, pelo menos, o século XIX. Somente nos séculos seguintes se veria uma adoção mais massiva desse tipo de arma que acabaria por tornar obsoletas as últimas tecnologias disponíveis de armamento em massa, no caso, espadas, adagas, gládios, montantes, e suas variações diversas. Logo, como não houve muitas mudanças na maneira que se fazia a guerra, as estratégias permaneciam constantes, e apenas se adequavam a cada momento específico.

Unicamente no século XIX com o uso em massa da pólvora negra, como em morteiros, mosquetes um pouco mais precisos e canhões o campo de batalha veio a mudar mais significativamente. Porém, historicamente as guerras eram travadas com mais proximidade, haja vista, as armas disponíveis. Essa mentalidade acabou por expirar nesse século, que, haja vista o grande salto tecnológico em relação a armamentos, ocorreu a inauguração da guerra moderna, como mostra a Guerra de Secessão americana, onde a maior parte das baixas foi por projéteis, e não por armas brancas<sup>4</sup>.

Na segunda metade do século muitas invenções fizeram possível alargar o campo de batalha. A invenção do revólver por Samuel Colt, o uso de armas que poderiam disparar mais de um projétil sem recarregar, como o Henry Rifle<sup>5</sup>, aumento massivo da precisão graças ao estriamento, invenção da metralhadora que poderia disparar múltiplas vezes por minuto, entre outros, acabaria por mudar o campo de batalha permanentemente.

No final do século XIX, já com a corrida armamentista entre os países do chamado imperialismo e neocolonialismo, fuzis que poderiam disparar várias vezes sem recarregar com uma grande precisão, tornaram-se padrão em vários exércitos regulares,

---

<sup>3</sup> CURTIS, W. S.: Long Range Shooting: A Historical Perspective. Consultado em 18 de janeiro de 2013. Arquivado do original em 22 de junho de 2007.

<sup>4</sup> O'CONNELL, Robert L.: "Arme Blanche", *Military History Quarterly*, Vol. 5, nº 1.

<sup>5</sup> Rifle de repetição projetado por Benjamin Tyler Henry em 1860, poderia carregar até 16 projéteis de calibre .44.

<sup>6</sup> BUTLER, David F.: *United States Firearms The First Century 1776-1875*. New York: Winchester Press. 1971, p.229.

como é o caso do *Gewehr 98*<sup>7</sup> alemão e o *Mosin-Nagant*<sup>8</sup> russo. Não mais as batalhas seriam travadas corpo-a-corpo e sim a centenas de metros de distância.

A evolução desses mecanismos chegou ao ápice na Primeira Guerra Mundial, essa sim que viria a mudar completamente o cenário de como se via a estratégia, já que nela estava inserida o conceito de guerra total, que como Beaufre disse, seria a “morte da estratégia”<sup>9</sup>. Muito se comparava a Primeira Guerra, até aquele momento a Grande Guerra, com a maior guerra que, até então a Europa vira, as Guerras Napoleônicas. Batalhas duravam apenas dias<sup>10</sup>, e seus desfechos davam-se rapidamente com números de baixas muito menores daqueles que seriam experimentados doravante. Para se ter uma ideia, na Batalha do Somme em 1916, mais de 100 mil soldados, em média pereciam a cada mês de ambos os lados, que resultaram, no final, em mais de 1 milhão de baixas<sup>11</sup>. Portanto, a partir daquele momento alguns aspectos dessa arte, que perdurou por séculos precisaram ser revistos.

O conceito de estratégia tem várias ramificações válidas, dependendo de que escopo seja feita a análise. Pode-se dizer, como em Clausewitz, que é a arte de empregar forças militares para atingir resultados fixados pela política<sup>12</sup>. Que leva a outra definição, sendo esta usar dos mais variados meios possíveis para subjugar o inimigo à sua vontade.

É a arte que permite, independentemente de qualquer técnica, dominar os problemas que coloca em si todo o duelo, justamente para permitir empregar as técnicas com o máximo de eficácia. É, por conseguinte, a arte da dialética das forças ou, ainda mais exatamente, a arte da dialética das vontades, empregando a força para resolver seu conflito. –  
(BEAUFRE, 1998, p.27)

Conquanto a estratégia de guerra sempre foi uma arte que perpassou os milênios, que foi aperfeiçoada durante esse tempo, e sempre teve sua validade nos conflitos

---

<sup>7</sup> BALL, Robert W. D.: *Mauser Military Rifles of the World*. Iola: Gun Digest Books. 2011.

<sup>8</sup> Fuzil russo projetado em conjunto por Sergei Mosin e Léon Nagant, lançado em 1891.

<sup>9</sup> BEAUFRE, Andre: *Introdução à Estratégia*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998. p.24.

<sup>10</sup> A Batalha de Dresde, por exemplo, durou apenas dois dias de 26 a 27 de agosto de 1813.

<sup>11</sup> WENDT, H. L.: *Verdun 1916 Die Angriffe Falkenhayns im Maasgebiet mit Richtung auf Verdun als strategisches Problem* Berlin: Mittler. 1931.

<sup>12</sup> BEAUFRE, op.Cit; p.26.

humanos. Diferentemente de uma cavalaria, que pouco faria frente a uma divisão de blindados na Segunda Guerra Mundial, o domínio da arte da estratégia sempre teve seu efeito válido, independentemente da tecnologia envolvida no conflito. Flanquear o inimigo, estar numa posição avantajada geograficamente, ter superioridade numérica, possuir armas mais eficientes, são alguns dos vários fatores que podem alterar o curso de uma batalha, que por sua vez podem alterar o curso do conflito. Para Clausewitz são alguns fatores preponderantes, dentre eles: morais, físicos, matemáticos, geográficos e estatísticos. Ainda segundo ele:

A primeira categoria abrange tudo que é criado pelas qualidades e influências intelectuais e psicológicas. A segunda consiste no tamanho das forças armadas, na sua composição, no seu armamento e assim por diante. A terceira engloba o ângulo formado pelas linhas de operações, os movimentos convergentes e divergentes, sempre que a geometria entrar nos seus cálculos. A quarta compreende a influência do terreno, tais como as posições dominantes, montanhas, rios, florestas e estradas. Finalmente, a quinta abrange o apoio e a manutenção. (CLAUSEWITZ, 1984, p.207)

Alguns princípios permanecem os mesmos, uma vez que não fazem parte da tática em si, elemento este que envolve os demais envolvidos no campo de batalha, e sim da ideia inicial do conceito de estratégia, portanto, tal conceito precisou ser transportado para a nova realidade.

A nova era da guerra estava inaugurada. A introdução de blindados na Primeira Guerra Mundial em 1916, com os tanques Mark I, II, III, IV e V ingleses, viu-se a sofisticada estratégia alemã de arames farpados e metralhadoras bem posicionadas ruir em poucos instantes. Tal característica de um veículo motorizado com blindagem e armamento pesado mudaria todos os campos de batalha doravante. Os alemães tentaram responder com seus próprios tanques, o A7Z, mas não foram produzidas unidades o suficiente para mudar o curso da guerra.<sup>13</sup>

Outro fator que mudaria drasticamente esse cenário foi o advento das batalhas aéreas. Não só foram importantes para estabelecer domínio, mas sua vantagem

---

<sup>13</sup> ZALOGA, Steve: *German Panzers 1914–18*. Oxford, UK Osprey Publishing. 2016.

estratégica era óbvia. Em vez de usar balões e afins para reconhecimento e avistamento de movimentação de tropas, demasiado lentos, aeronaves eram mais velozes e poderiam cobrir áreas maiores. A era dos ases se inaugurava, como é o caso de Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho, abatendo 80 inimigos até 1918. A aviação virou fator essencial e preponderante dos exércitos ao redor do mundo, podendo chegar com rapidez, atacar subitamente e deixar o local muito mais rápido que qualquer exército de qualquer tempo seria capaz, mudando assim o cenário de guerra permanentemente.

Avançando esse cenário, tem-se a Alemanha do pós-Primeira Guerra, derrotada e arrasada moralmente. Imposições fortíssimas frente ao Tratado de Versalhes, como não poder possuir um exército regular com mais de 100 mil homens, por exemplo. Além de outras inúmeras restrições na Marinha e na Força Aérea, jogariam a Alemanha num abismo, ou foi isso que se pensava, ao menos militarmente falando.

A partir de 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, as exigências do Tratado de Versalhes começariam a ser ignoradas. A máquina de guerra alemã começaria a ressurgir mais forte e mais devastadora. Uma nova mentalidade de guerra seria formada em resposta ao “fracasso” alemão na Primeira Guerra. Entretanto, ela data um pouco antes da instauração do regime nazista, tal filosofia começa a nascer logo na década de 1920 e seria posta à prática em 1936 com a Guerra Civil Espanhola. *Blitzkrieg* é o nome pela qual ficou mundialmente conhecida, unindo os fatores tecnológicos possíveis, após 1914 com os conceitos de estratégia já mencionados.

Tal união do exército alemão, irrefreável no início da Segunda Guerra Mundial, até pelo menos o ano de 1941, fez vítimas Polônia, França, Países Baixos, Bélgica, Iugoslávia, Dinamarca, Noruega, Grécia e até a União Soviética dessa nova tática inédita e tão eficaz que fez franceses ficarem boquiabertos com a derrota que sofreram em praticamente um mês em 1940, o qual Marc Bloch até chamou tal feito de “A estranha Derrota”<sup>14</sup>.

Todavia, há dissenso sobre este acontecimento, não por conta do que foi feito, mas se houve de fato alguma *intelligentsia* por trás desta filosofia de guerra. Os alemães realmente tinham consciência do que estavam fazendo? Havia coordenação ou a operação era feita de maneira independente? O quão efetivo foi tal tática? São perguntas

---

<sup>14</sup> BLOCH, March: *A estranha derrota*: Rio de Janeiro Zahar, 2011.



feiras pelos mais diversos acadêmicos acerca do tema. Afinal o sucesso alemão no início da guerra teve prazo de validade.

Apresentar-se-ão no presente artigo essas visões dicotômicas de como se deu tal processo e se este realmente foi pensado racionalmente pela alta cúpula militar alemã, ou se foi um produto meramente da sorte, do avanço tecnológico e da destreza alemã, ensejando qual das visões se mostra mais provável. Como foi dito, a evolução do campo tecnológico avançou drasticamente nas últimas décadas antes do conflito e os alemães, graças à sua indústria, conseguiram aprender com os erros da Primeira Guerra e focar naquilo que seria o principal fator a partir de 1939: veículos blindados. A estratégia empregada a partir de 1914 teve muito trabalho para se adequar à nova realidade, mas será que a *Blitzkrieg* foi tal solução?

## **O QUE É A *BLITZKRIEG*?**

É importante destacar que se faz necessário, antes da apropriada apresentação deste artigo, definir quais são os limites de atuação do âmbito em questão, que, no caso, trata-se de uma tática de guerra. Não se apresenta caso fácil nesse sentido visto que o termo possui algumas variações que acabam por torná-lo polissemântico. Emergem assim dois importantes fatores que são necessários de elucidação. O primeiro é de ordem semântica, ou seja, qual é o significado do termo de fato e, mais importante, qual o significado que será tratado neste artigo. O segundo, não menos importante, é de ordem conceitual, ou seja, o que significou este novo conceito na inauguração da guerra moderna.

Primeiramente no âmbito semântico, o termo *blitzkrieg* é a união de duas palavras em alemão; *blitz* que significa relâmpago e *krieg* que significa guerra. Segue o mesmo caso que viria decorrer da *rattenkrieg*, “guerra de ratos” para identificar o tipo de conflito que se arrastou durante a batalha de Stalingrado, onde ocorriam trocas de posse de território muito frequentemente entre alemães e soviéticos, como é o caso de ruas, edifícios, que pela manhã poderiam estar em controle soviético e pela tarde em controle alemão e vice-versa. Entretanto tal termo tem aqui o sentido de uma tática de guerra supostamente criada pelo alto escalão alemão após à vista da derrota na Primeira

Guerra Mundial. É comum se ver tal termo empregado inclusive em guerras mais contemporâneas, como é o caso da Guerra do Golfo em 1991.<sup>15</sup>

Conquanto delimite-se aqui apenas o período em que esta entrou em ação, a partir de 1º de setembro de 1939, até meados de 1941, quando esta tática teve seu último respiro de eficiência e vitória. Há debates sobre se “guerra relâmpago” é realmente um termo militar<sup>16</sup> uma vez que, também, tal termo parece ter surgido na imprensa<sup>17</sup> e há evidências contrárias de que tanto Heinz Guderian, o mentor desta tática, como Hitler, teria alguma vez utilizado tal termo<sup>18</sup>. Ficamos, portanto, com o significado militar que lhe foi imbuído: o de ser uma tática de guerra com uma ordem de eficiência efêmera, que pudesse de maneira mais lacônica possível sobrepujar o inimigo, fazendo atingir seu resultado com poucos recursos embarcados.

Segue-se então o conceito do termo que pode ser expressa de maneira sucinta por Luís Fernando Machado Barroso<sup>19</sup>:

[...] a Blitzkrieg é o resultado do emprego de forças blindadas concentradas em frentes estreitas deficientemente defendidas, apoiadas pela aviação, com a intenção de explorar os intervalos no dispositivo dos defensores até conseguir levar o combate a toda a profundidade do adversário, para o paralisar e aniquilar. (BARROSO, 2014, p. 228)

A *Blitzkrieg* foi uma resposta alemã à derrota da guerra anterior, pensada frente ao Tratado de Versalhes, que minava completamente o exército alemão de desenvolvimento frente às novas tecnologias, notadamente introduzida pelos ingleses em 1916 (e também como tática, parte que será discutida logo adiante), que visou utilizar de seus recursos escassos para provocar uma derrota do inimigo da maneira mais

---

<sup>15</sup> LUNGU, Angela M.: Effects of operations: Psychological determinants of blitzkrieg success. *Special Warfare*, 2002.

<sup>16</sup> RAUDZENS, George: Blitzkrieg ambiguities: Doubtful usage of a famous word. *War and Society*, v. 7, n. 2, p. 77–94, 1989.

<sup>17</sup> GREAT BRITAIN Blitzkrieg or Sitzkrieg? Blitzkrieg or Sitzkrieg? *TIME Magazine*, 0040781X, 4/1/1940, Vol. 35, Número 14.

<sup>18</sup> Não há nenhuma menção em comícios públicos tanto de Hitler, como nos escritos de Guderian qualquer palavra que se assemelhe ao termo utilizado mundialmente de *Blitzkrieg*.

<sup>19</sup> BARROSO, Luís F. M.: A Inovação Militar no período entre guerras e o início da II Guerra Mundial. O desenvolvimento da Blitzkrieg, a tradição germânica e os contactos germano-russos nos anos 1920. *Revista Militar*, p. 224–237, 2014.

rápida possível, evitando assim um atrito muito prologando com as forças inimigas, situação da qual os alemães queriam livrar-se pelo menos desde o século XIX<sup>20</sup>.

A origem da *Blitzkrieg* transcende o pensamento alemão de guerra em si, que será analisado mais adiante. Pensadores de vários exércitos, com o advento do blindado, já visavam seu uso mais inteligente para coordenar ações nos campos de batalha. Interessantemente, os ingleses introduziram tal ferramenta em 1916, como já foi dito, e alguns de seus estrategistas já pensavam em utilizá-los de maneira mais eficiente. Um destes foi J. F. C. Fuller, que, originalmente pensou num modelo de introdução dos blindados que se assemelha às táticas da doutrina alemã<sup>21</sup>, que seriam postos em prática no que se chamou de *Plan 1919*, onde se usariam a força de tanques para derrotar o inimigo e não a exaustão física de derrotar o inimigo através do exército em si.<sup>22</sup> Tal plano se assemelha fatalmente àquilo que os alemães viriam a colocar em prática décadas mais tarde. Todavia, seus pensamentos não foram postos em prática no exército britânico, servindo de forte inspiração para Heinz Guderian, que pediu para traduzir uma de suas obras, alemão *Provisional Instructions for Tank and Armoured Car* para o alemão<sup>23</sup>. Isso sugere, talvez, que Guderian pode, graças à simpatia de Hitler, ir à frente com os planos de Fuller como o próprio sugere em uma de suas obras<sup>24</sup>.

Outro envolvido neste íterim foi Basil Liddell Hart, cujas ideias, embora levemente distintas de Fuller, também influenciaram fortemente o pensamento envolvido na *Blitzkrieg*, como o próprio também sugere<sup>25</sup>. Hart tornou-se o principal intérprete de generais alemães para a língua inglesa<sup>26</sup> e, ao final do conflito, tentou de tudo para ligar a ideia por trás do sucesso da *Blitzkrieg* a sua pessoa e seus colegas<sup>27</sup>. É provável que, pela introdução do blindado feita por ingleses, naturalmente seriam os principais a pensar a respeito de uma tática que pudesse ser usada da melhor forma possível, com essa nova força no campo de batalha. Guderian como um homem de cultura, não deixaria passar despercebido tais novidades estratégicas vindas do outro

---

<sup>20</sup> TOVY, Tal: 1930s German Doctrine A Manifestation of Operational Art. **Military Review**, v. 56, n. Junho 2015.

<sup>21</sup> HARRIS, J. P. Myth of Blitzkrieg. **War in History**, v. 2, n. 3, p. 335–352, 1995. p. 339.

<sup>22</sup> FULLER, John F. C.: *Memoirs of an Unconventional Soldier*, 1938.

<sup>23</sup> ATKIN, Ronald: *Pillar of Fire: Dunkirk 1940*. Edinburgh: Birlinn Limited 1990. p. 26.

<sup>24</sup> FULLER, John. F. C.: *Decisive Battles of the Western World*. London, Eyre & Spottiswoode. 1954 III, pp. 381-2.

<sup>25</sup> MEARSHEIMER, John: *Liddell Hart and the Weight of History*. London, Cornell. 1988. p. 178-216.

<sup>26</sup> HART, L. Basil: *The Other Side of The Hill*. London, Cassell. 1948.

<sup>27</sup> HARRIS, op,Cit;. p. 339.

lado do canal da Mancha, porém este não dá absolutamente nenhum crédito a qualquer estrategista que se mencione em sua obra *Achtung Panzer!*<sup>28</sup>, nem que seja ao Fuller, com seu *Plan 1919*, já explicado, nem a Hart, com suas ideias semelhantes.

Essa oportunidade, alguns comentam, pode ter sido apenas produto do acaso, mas não de algo milagroso ou fantástico. Aqui se diz que a convergência de fatores, tanto da escola alemã de guerra, quanto do emprego de blindados e aviação nas táticas de conflito, provocou uma força de escaramuça que, em primeiro momento, foi devastadora e subjugou a França em maio de 1940, em muito menos tempo que no início de 1914 após a Primeira Batalha do Marne, em apenas 6 semanas a França se via nas mãos alemãs. Já outros afirmam que tal estratégia foi legitimamente pensada para que se pudesse corrigir uma deficiência latente, que não pode ser cumprida em 1914 graças a uma guerra lenta e com muito atrito e tem raízes diversas como tática de guerra, compreendendo visões múltiplas de vários exércitos.

## **A ORIGEM DA *BLITZKRIEG***

Explicado o termo em questão, faz-se agora fundamental elucidar como tal força estratégica veio a surgir e se tornar esse fator fulminante no início da Segunda Guerra Mundial. Em primeiro momento, essa doutrina começou a tomar as formas no século XIX, com as escolas militares alemãs e seus novos desafios frente às tecnologias inseridas em seu tempo. Em segundo, as consequências da Primeira Guerra Mundial para o exército alemão, mais especificamente o Tratado de Versalhes. Logo após 1919, como se dá o entendimento do alto escalão do exército das novas restrições militares impostas pelo tratado e como o governo da República de Weimar interage com essa situação. Por último, com a ascensão de Hitler em 1933, juntamente com Heinz Guderian que deram a última forma antes de atuar de fato nos teatros de guerra da Europa.

As Guerras Napoleônicas foram um ótimo termômetro para o desenvolvimento do exército na Prússia. Seus generais tiveram valiosas lições do conflito, no que tange

---

<sup>28</sup> Ibid, p.341.

à parte de estratégia, como é o caso de Clausewitz, umas das peças principais da reestruturação do exército. Com a chegada da corrida imperialista e o início do processo de unificação, investimentos mais fortes precisavam ser feitos, para que se fosse demonstrada tanto a superioridade militar como tecnológica perante o adversário (no caso da Prússia, mais especificamente a França). Não apenas nesse fato, mas também na organização militar, e neste contexto surge o marechal Helmuth von Moltke. Entrou para o Estado-Maior em 1835 e, contemporâneo de Clausewitz, aperfeiçoou suas táticas, à vista da nova realidade enfrentada pela Prússia, principalmente a partir da década de 1860. Com Moltke, as aspirações políticas e diplomáticas foram regadas para o segundo plano, enquanto a prioridade tática e operacional surgiu como um norte, ou seja, “Os oficiais de estado-maior acreditavam que as guerras do futuro seriam caracterizadas por ações militares rápidas e decisivas.”<sup>29</sup>, tal pensamento acabaria por perdurar até o final da Segunda Guerra Mundial.

Neste sentido, tem-se exemplos de ações militares rápidas da Prússia a fim de não gerar tanto atrito, uma vez que isso levado às consequências mais drásticas, poderia desgastar muito o corpo militar e faz-se mais necessário evitar um confronto muito duradouro, sendo melhor que este seja decisivo e rápido, como nas Guerras Austro Prussiana (1866) e Franco-Prussiana (1871) evidenciaram o aumento de dispersão das forças devido ao aumento de letalidade das armas<sup>30</sup>. Moltke também foi responsável por introduzir o conceito de *Auftragstaktik*, ao exército alemão<sup>31</sup>. Isso significa que os comandantes das operações teriam mais liberdade para atuar no campo de batalha e agir da melhor maneira possível para atingir os objetivos fixados pelos generais. Assim, aumentaram-se a mobilidade e a rapidez que uma ação poderia ser tomada, sem necessidade de consultar o alto comando para novas ordens (tal assertiva também foi válida durante os anos iniciais da *Blitzkrieg*, quando os generais alemães tinham mais liberdade para empreender suas táticas. Apenas a partir da *Operação Barbarossa*, Hitler começaria a assumir o comando direto do exército e assim todas as ações tomadas no campo de batalha precisariam passar por sua aprovação). Com o corpo do exército prussiano e mais tarde alemão organizado e com o foco em resolver um conflito mais

---

<sup>29</sup> HERWIG, Holger H: “The Prussian Model and Military Planning Today”, Joint Forces Quarterly 1998, p. 69.

<sup>30</sup> BARROSO, Luís F. M.: A Inovação Militar no período entre guerras e o início da II Guerra Mundial. O desenvolvimento da *Blitzkrieg*, a tradição germânica e os contactos germano-russos nos anos 1920. **Revista Militar**, p. 224–237, 2014.

<sup>31</sup> *Ibid*, p.235.

rapidamente, começava a tomar forma a *intelligentsia* daquilo que mais tarde viria a se chamar *Blitzkrieg*.

Quando eclode a Primeira Guerra Mundial, os alemães ainda imbuídos dos pensamentos de Moltke, tentam iniciar o conflito contra a França de uma maneira rápida em Marne em 1914 e em Tannenberg no mesmo ano contra a Rússia. Todavia, e apesar do sucesso em Tannenberg, ao contrário do que se poderia imaginar, o conflito mudou completamente a maneira que as guerras eram travadas e o exército alemão acabou por entrar em atrito por um longo período, situação que sempre quis evitar.

Ao final da Primeira Guerra, o exército alemão caiu de pé e, apesar da entrada dos Estados Unidos no confronto, ainda era capaz de enfrentar o inimigo, porém decidiu-se pelo armistício em novembro de 1918. O Tratado de Versalhes impôs condições muito severas à Alemanha como um todo, e, portanto, o exército alemão também sofreu drásticas reduções para garantir que se mantivesse a paz, eliminando-o como ameaça em potencial. O exército agora poderia ter apenas 100 mil homens, com apenas 4 mil oficiais. Além disso, não poderia possuir aviões ou submarinos, além de um número reduzido de blindados.

O contexto nada favorável cria ainda mais empecilhos para o exército alemão se reestruturar. Nesse ínterim, na supervisão do exército, surge o general Walther Reinhardt que de 1919 a 1921 seria o responsável pela reestruturação a partir dos moldes do Tratado de Versalhes. O *Reichstag* também assegurou essa reorganização a partir de leis<sup>32</sup>, assim o exército passaria a ser uma organização democrática, em linha com a República de Weimar e não mais autoritária com o espelho do *Kaiser*.<sup>33</sup> Infelizmente, devido às limitações impostas pelo tratado, Reinhardt não foi capaz de ter muito poder decisivo, mas apenas cumprir tais exigências e alinhar as forças armadas ao governo de Weimar, assim tendo a possibilidade de ter autonomia e agir livremente para reorganizar o seu sistema ministerial.<sup>34</sup>

Seu sucessor, Hans von Seeckt, obteve mais tempo disponível para realizar as mudanças necessárias quando assumiu em 1921 até 1926. Primeiramente solicitou que

---

<sup>32</sup> CORUM, James S.: *The Roots of Blitzkrieg: Hans von Seeckt and the German Military Reform*, KS: University Press of Kansas, 1992.

<sup>33</sup> BUNN, Catherine B. L.: "The Form Changes, the Spirit Remains the Same": *German Officer Training, 1919-1938*. North Carolina State University, Raleigh 2019. p. 19.

<sup>34</sup> *Ibid* p.22.

fosse feito um estudo das táticas usadas na Primeira Guerra Mundial<sup>35</sup> e reviu as doutrinas militares para introduzir as novidades tecnológicas que ele acreditava serem capazes de mudar como os alemães travavam guerra.<sup>36</sup> Todavia, Weimar ainda respeitava as assertivas do Tratado de Versalhes, fazendo com que tais implementações não pudessem chegar ao exército,<sup>37</sup> situação que mudaria drasticamente na década de 1930. Assim como Moltke, Seeckt possuía as ideias de resolver um provável conflito de maneira rápida, todavia, com o surgimento de unidades blindadas, anexou esse fator à estratégia construída pelo general no século XIX, além de focar seus esforços nos treinamentos de oficiais e, uma vez que seu número era limitado, fez-se necessário transformar esse pequeno corpo com pessoal altamente treinado, estando assim preparado pra qualquer situação de guerra.<sup>38</sup>

Entender da mobilidade das tropas parecia ser um fator fundamental para o alto escalão do exército, não apenas como meio de surpreender o inimigo, mas também de aumentar a eficiência das forças armadas uma vez que, agora, encontravam-se com o número muito reduzido e incapazes de possuir uma estrutura muito grande, também, graças às limitações do Tratado de Versalhes, como da falta de recursos disponíveis por Weimar.

Heinz Guderian seria a peça-chave para os moldes finais daquilo que se viria a chamar de *Blitzkrieg*. Continuando os trabalhos de Seeckt em procurar trazer as novas tecnologias para o exército alemão, modernizando-o, resolveu introduzir blindados no campo de batalha para atingir os objetivos mais claramente fixados a partir do final da Grande Guerra. Através de estudos, principalmente de origem britânica<sup>39</sup>, Guderian pode também usar a força aérea para mobilizar completamente o inimigo em pouco tempo, assim poupando recursos e atingindo o objetivo marcado com muito mais facilidade. A partir de 1930, quando assumiu o comando do batalhão motorizado, pode experimentar ações de guerra como traçara em sua filosofia inovadora de combate fulminante.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> TOVY, Tal: 1930s German Doctrine A Manifestation of Operational Art. **Military Review**, v. 56, n. Junho 2015, p.59.

<sup>36</sup> BUNN, op.Cit; p.23.

<sup>37</sup> Ibid, p.23

<sup>38</sup> Ibid, p.28.

<sup>39</sup>PEREIRA JUNIOR, Athayr. A.: A blitzkrieg alemã e a evolução da arte da guerra. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça 2010. p.24.

<sup>40</sup> Ibid, p.25.

Acabou por ganhar a simpatia de Lutz o que acabou por gerar mais recursos para a divisão motorizada alemã.<sup>41</sup> Mais tarde com a ascensão de Hitler ao poder, sua doutrina até agora revolucionária, ganhou a simpatia do líder alemão, haja vista todas as circunstâncias relatadas até aqui; a Alemanha, para cumprir o esforço de guerra, necessitava de uma tática de guerra que utilizasse poucos recursos e derrotasse o inimigo rapidamente. As ideias de Guderian foram descritas em seu livro em 1937 *Achtung, Panzer!* e puderam ser testadas, com algum grau de sucesso, na Guerra Civil Espanhola até 1939, como o próprio relata:

Um ataque bem-sucedido pode trazer vitória rápida que ganha maior dimensão pela extensão e pela profundidade; as reservas inimigas, e, o mais importante, suas unidades motorizadas ou mesmo blindadas, podem chegar muito tarde à batalha. Aqui estava a solução para o até agora persistente problema de como explorar o êxito de um ataque. A ruptura e a perseguição tornavam-se uma possibilidade real, e a guerra poderia assumir ou manter suas características de guerra de movimento. (GUDERIAN, 2009, p. 172)

O caso feito até o momento trata-se de um traçado que se iniciou no século XIX com a Prússia e seus mentores do exército acerca de uma tática que pudesse beneficiar a ânsia de derrotar o inimigo rapidamente. Ao que tudo indica houve um processo muito bem definido até que se chegasse no ponto de Guderian propor uma tática que se chama *Blitzkrieg*. Todavia há pesquisadores que não concordam com tal ponto de vista, afirmando que a *Blitzkrieg* foi mais um produto do improvisado e das circunstâncias excepcionais que a Alemanha se encontrava naquele tempo, que possibilitou a criação dessa doutrina contundente.

Far-se-á agora o caso por esse ponto de vista e se demonstrará ainda mais a história por trás das origens com suas origens, a partir da década de 1920 que possuem mais influências que apenas a alemã, pois afinal, a *Blitzkrieg* foi um mito, ou seja, uma técnica revolucionária que possuiu uma complexa estrutura por trás de seu feito, ou apenas uma lenda, um produto do acaso dadas às circunstâncias da Alemanha até a década de 1930?

---

<sup>41</sup> Ibid, p.25.



## **BLITZKRIEG: MITO OU LENDA?**

Faz-se necessário, inicialmente, o uso do recurso historiográfico para analisar brevemente o que já foi dito neste artigo. É importante lembrar que por mais que a História seja organizada por eventos que se encontram no decurso do tempo, algumas armadilhas são essenciais de se prevenir. No decorrer dos fatos, o historiador acaba por analisá-los por inteiro e, normalmente já conhece o seu desfecho. Por motivos interpretativos e didáticos, muito da História feita em sua incipiência visava uma finalidade, tal qual imaginava-se as outras ciências. Nesse sentido, os fatos decorriam de maneira a alcançar tal fim que fora alcançado, e, no caso dos marxistas por exemplo, não poderia se decorrer de outra forma, sendo aquilo um resultado derradeiro. Ora, os feitos históricos convergiram para aquele resultado e, como História não pode ser reproduzida em laboratório, apenas uma forma pode ser gerada desta, logo a conclusão mais fácil obtida é de que os eventos acabaram por levar a tal fim.

Tal proposição é enganosa, porque não se pensa como os atores históricos interagiam no momento do fato dado, ou seja, não era óbvio para seus agentes que tais ações realizadas levariam a tal resultado que o historiador conhece bem. No exemplo deste artigo, ao que parece, a *Blitzkrieg* começou a tomar corpo com as escolas prussianas de guerra, que almejavam um resultado de uma guerra rápida e decisiva. Esse rumo dos fatos, parece dar munição ao pensamento de que essa doutrina foi pensada e executada intencionalmente para criar este fim de sucesso, ao menos primeiramente, durante as campanhas da França e no Leste Europeu em 1940 e 1941. É razoável que se pense de maneira contrária; a *Blitzkrieg* não foi algo intencional, entretanto surgiu a partir dos eventos que se decorreram na Alemanha após a Primeira Guerra e não são parte de uma doutrina bem organizada e planejada durante décadas.

Um destes pesquisadores é Shimon Naveh de origem israelense. Para ele, em seu livro, *In Pursuit of Military Excellence: The Evolution of Operational Theory*, o termo *Blitzkrieg* ganhou um significado mítico não sendo aceitável seriamente e, portanto, um termo que acabou por ter um significado fantástico, não apenas no imaginário, como também em pesquisas sobre tal fenômeno.<sup>42</sup> Há inclusive problemas no próprio termo

---

<sup>42</sup> NAVEH, Shimon: *In Pursuit of Military Excellence: The Evolution of Operational Theory* 1997. Cap.4.

usado para se referir a esta tática, que no caso chamamos de *Blitzkrieg*. Naveh afirma que tal termo foi apenas uma tradução de um termo pensando em língua inglesa transportado para a língua alemã.<sup>43</sup> George Raudzens também afirma que há vários significados para a palavra:

The divergences are wide but for present purposes seven main categories of meaning can be suggested: blitzkrieg-with or without capital 'b'- means either (1) a tactical-operational method, or (2) a strategy, or (3) a form of military skills, or (4) an accumulation of military resources, or (5) a group attitude, or (6) a method employed by certain historical persons, or (7) a specific set of historical events. (RAUDZENS, 1989, p.77)

O objetivo aqui não é a discussão de tal termo apropriado para o feito histórico, uma vez que, por tempo limitado, os alemães possuíram bastante êxito em sua tática, como mostrado na França e sua derrota surpreendente, como na Iugoslávia, na Grécia e em menor escala no início da Operação Barbarossa. Naveh entretanto afirma que:

The phenomenon which allowed the *Wehrmacht* to attain such impressive achievements at the beginning of the war and afforded it a breathing space from winter of 1942 was the manifestation of german tactical excellence at all field echelons, on the other. However, it should be remembered that this tactical excellence crystallized during the long years of pedantic work which preceded both the National Socialists' ascendance to power and the formulation of the *Blitzkrieg* concept. (NAVEH, 1997)

Na visão do autor, não há evidências claras de que o conceito de *Blitzkrieg* foi pulverizado pelo pensamento da *Wehrmacht* durante os anos de 1933 a 1938 destruindo qualquer capacidade que se tinha de ter uma teoria de táticas manobráveis, aqui se diz, movimentação e coerência, além da falta de uma operação racional e cognitiva do

---

<sup>43</sup> Ibid, Cap. 4.

processo como um todo<sup>44</sup>. Para ele também não havia harmonia entre o corpo de oficiais sobre o uso dessa tática<sup>45</sup>, como demonstrado anteriormente, Guderian não foi muito aceito por outros oficiais alemães, entretanto houve pressão de Hitler para que se atingisse a ideia de Guderian, uma vez que a Alemanha necessitava de algo que pudesse resolver o problema da falta de recursos. Isso para o autor denota que o grupo não possuía uma consciência considerada necessariamente eficiente para conduzir uma operação de guerra nessa escala.<sup>46</sup> Há argumentos parecidos, sobre o porquê de ter acontecido o êxito alemão tão rapidamente e logo após 1941 houve uma anemia e uma incapacidade de suas tropas de aniquilar o inimigo com a rapidez necessária para poupar recursos. Tal afirmação será discutida mais adiante deste artigo.

Outro elemento neste debate é J. P. Harris. Embora não tão enfático como Naveh ao dizer que foi um mito total, ainda possui críticas contundentes ao conceito. Primeiramente na origem do conceito com Guderian. Aparentemente, suas ideias foram largamente influenciadas Lidell Hart<sup>47</sup>, que já pensara em uma tática parecida com uso de blindados, muito embora Guderian não o cite em seu livro *Achtung, Panzer!*<sup>48</sup>. Luís Fernando Machado Barroso também sugere que a estratégia teve influência de Lidell Hart, J. F. C Fuller e ainda dos soviéticos com Tukhachevskii e suas ideias de “combate em profundidade” essas escritas em 1923.<sup>49</sup> Ainda afirma:

J. F. C. Fuller e B. L. Hart são também referenciados como influência nos soviéticos e nos alemães, mas a verdade é que os seus trabalhos só foram publicados depois de desenvolvidas as ideias de Tukhachevskii. Isso é claramente evidente no prefácio que escreve a uma edição soviética (1931) da obra de Fuller, *The Reformation of War* (1923), e na qual afirma que as suas ideias [de Fuller] são desadequadas à necessidade de levar o combate a toda a profundidade do adversário, em simultâneo, com blindados. Por isso, refere que a fragilidade da sua

---

<sup>44</sup> Ibid, Cap. 4.

<sup>45</sup> Ibid, Cap. 4.

<sup>46</sup> Ibid, Cap. 4.

<sup>47</sup> HARRIS, J. P: Myth of Blitzkrieg. **War in History**, v. 2, n. 3, p. 335–352, 1995. p. 340

<sup>48</sup> Ibid, p. 340.

<sup>49</sup> BARROSO, Luís F. M.: A Inovação Militar no período entre guerras e o início da II Guerra Mundial. O desenvolvimento da Blitzkrieg, a tradição germânica e os contactos germano-russos nos anos 1920. **Revista Militar**, p. 224–237, 2014.

tese é o seu desinteresse pela utilização extensiva dos meios aéreos como meio de transporte. (BARROSO, 2014, p.230)

O conceito heterogêneo da tática que viria a ser um fenômeno põe em dúvida se realmente houve uma genialidade alemã por trás, ou se apenas foi produto do acaso. Acaso aqui não como sorte, mas, como afirma Naveh, do despreparo de seus adversários e, talvez, do efeito surpresa que estes tiveram com os desfechos dos campos de batalha. A França não imaginara que a Alemanha seria capaz de cometer os mesmos erros que cometera durante a Primeira Guerra e invadissem o país através das Ardenas. A Linha Maginot apostou tudo na ideia de que seria a rota mais óbvia para uma possível invasão alemã, porém os blindados alemães conseguiram transpor as Ardenas com facilidade e surpreender os franceses.

Harris afirma que muito embora fosse fulminante, o exército alemão pouco mudara do conflito anterior em questão de teoria de guerra e não possuía nenhuma teoria que se pudesse mencionar *Blitzkrieg*<sup>50</sup>, os alemães sempre tiveram o anseio de lutar em guerras curtas e decisivas, porém, como foi afirmado anteriormente, não puderam fazê-lo no curso da Primeira Guerra Mundial<sup>51</sup>. As divisões de blindados alemã também não algo excepcionalmente numeroso, caso que veio a levantar suspeitas dos generais frente a Guderian após ele assumir e propor sua tática. Harris afirma que tal sucesso na Segunda Guerra Mundial se deveu à uma força aérea mais poderosa<sup>52</sup>.

Como Guderian sobreviveu ao conflito, é difícil mensurar o quanto de suas ideias expostas em seu livro não foram objeto de propaganda. Todavia, a fama desta tática se deveu principalmente à imprensa de língua inglesa<sup>53</sup>, que acabou por popularizar o termo e tornou-o famoso, como também afirma Milward:

German strategic and economic thinking before the war revolved around the concept of the Blitzkrieg. This term usually translated into English as 'lightning war', has been frequently misunderstood. Too often it has been used merely in its tactical sense of a quick knock-out blow delivered against the enemy's forces from a position of strength.

---

<sup>50</sup> HARRIS, op.Cit; p.344.

<sup>51</sup> Ibid, p.344.

<sup>52</sup> Ibid, p.345.

<sup>53</sup> Anti-Blitzkrieg. TIME Magazine, 0040781X, 5/20/1940, Vol. 35, Número 21.

But the concept was strategic as well as tactical.... It was a method of avoiding the total economic commitment of total war. It was the Blitzkrieg in its profoundest sense for which Germany and Hitler were prepared in 1939. (MILWARD, 1965, p.70)

Ao que pode parecer, o conceito de *Blitzkrieg* foi amplamente dilatado e erroneamente utilizado de diversas formas. O próprio Guderian não faz menção deste termo em nenhum momento, além do próprio Hitler também não possuir nenhum momento de discurso público utilizando o mesmo termo, nem para fins de propaganda<sup>54</sup>. Seria razoável pensar que com uma força tão poderosa e célere ganharia os holofotes de um Estado totalitário imediatamente para demonstração de força, mas não parece ser o que ocorre. O fato é que, provavelmente, as forças alemãs obtiveram vantagens táticas, não pela sua genialidade em combate, mas pelo alto despreparo das forças inimigas como será discutido mais adiante.

## **O FIM DA *BLITZKRIEG***

Inegavelmente, a *Blitzkrieg* foi uma força motriz de poderosos resultados e sucessos rápidos, tendo na campanha contra a França um dos seus mais eminentes triunfos. Com o emprego forte da *Luftwaffe* e das divisões de blindados, a Alemanha esmagou rapidamente a Polônia, a Bélgica, os Países Baixos, o Luxemburgo, a Dinamarca, a Noruega, a França e a Iugoslávia. Conseguiu enganar os Aliados antes mesmo *Anschluss* em 1938 e da anexação dos Sudetos, quando Neville Chamberlain e sua Política do Apaziguamento não puderam projetar os perigos que estavam por vir. A surpresa em não entender como os alemães estavam reforçando a sua economia de guerra para atingir o *Lebensraum*, e a crença de que as Ardenas impediriam os alemães de invadir a França novamente, reforçaram a crença de que não seria um inimigo tão poderoso. Com o sucesso em apenas 6 semanas em maio de 1940, contra a França, a Alemanha colocou ingleses em alerta, muito embora não houve invasão ao seu território.

Todavia, tal força devastadora começou a não ser mais efetiva a partir de 1941 com a *Operação Barbarossa*. A princípio, pela doutrina da *Blitzkrieg*, realizar um

---

<sup>54</sup> Não há nenhuma menção em comícios públicos tanto de Hitler, como nos escritos de Guderian qualquer palavra que se assemelhe ao termo utilizado mundialmente de *Blitzkrieg*.

ataque rápido, que exigisse poucos recursos, paralisasse as forças inimigas rapidamente e alcançasse a vitória para que fossem sobrepostos outros territórios tanto na economia, como no esforço de guerra, não tiveram êxito com a invasão da União Soviética. Planejava-se a chegada em Moscou antes que o inverno russo pudesse vir, porém não foi este o principal fator da derrota alemã. A *Blitzkrieg* não foi capaz de alcançar uma rápida vitória como se planejara anteriormente. Há boas razões sobre o porquê ter decorrido desta maneira. Será demonstrado uma razão econômica, que parece ser a mais contundente e uma razão política, tanto de organização de forças armadas, como de coerência entre as operações militares.

A primeira razão é apontada por Milward em *German War Economy*. Como demonstrado várias vezes ao longo deste artigo, o cerne do funcionamento da doutrina da *Blitzkrieg* girava em torno dos poucos recursos que se possuía, para usá-los da maneira mais eficiente possível para atingir resultados rápidos. Essa era a situação que se encontrava a Alemanha no pós-1918 e mais ainda no pós-1929. Com operações limitadas, o corpo de oficiais de alto escalão procurou manter o exército o mais coeso possível, com relativa autonomia, esta cedida por Weimar. Nesse sentido, a *Blitzkrieg* fez bastante sentido nos períodos iniciais da guerra, onde o atrito prolongado era bastante evitado.

Todavia, quando se inicia a campanha contra a União Soviética, a *Blitzkrieg* mostrou-se incapaz de transpor um inimigo que, apesar de ser apanhado de surpresa, conseguiu resistir e mudar o rumo do conflito. Assim Milward argumenta que, a partir de 1942, com a promoção de Albert Speer, para o Ministério de Armamentos e Munições, houve uma guinada forte na economia alemã, no sentido de fortalecer o esforço de guerra<sup>55</sup>, e com isso gerou uma maior produção de bens militares para que se mantivesse o atrito prolongado como era o esperado. Como houve uma falha da doutrina militar em efetivar uma vitória rápida, acabou-se por abandonar a estratégia da *Blitzkrieg* e, conseqüentemente, aumentar o esforço de guerra como Milward demonstra por meio de gráficos a produção de munição e armamentos aumentado a partir de 1942, chegando ao ápice em 1944<sup>56</sup>.

Outro fator que levou a ineficiência da tática em deflagrar a derrota rapidamente, foi a perda constante de equipamentos militares devido às condições climáticas que se

---

<sup>55</sup> MILWARD, S. Alan. *The Economic History Review* Vol. 16. N° 3, 1964 p.506.

<sup>56</sup> *Ibid*, p.504 e 505.

apresentaram na União Soviética a partir de dezembro de 1941<sup>57</sup>. Além disso, as longas cadeias logísticas de abastecimento, também prejudicariam bastante a capacidade alemã de atingir os objetivos traçados, levando então às dificuldades que os alemães sentiriam no decorrer do conflito, aliado às pesadas baixas e muitas perdas para a *Luftwaffe*, fizeram com que os soviéticos pudessem se reorganizar e virar o rumo do conflito permanentemente. Ainda de acordo com Milward, a sobrevivência alemã na guerra apenas foi possível após a ascensão de Speer a ministro, uma vez que a produção econômica ultrapassou inclusive os números em tempos de paz, a qual acabou por arrastar a Alemanha pela contenda até 1945<sup>58</sup>.

Voltando ao caso francês e sua derrota surpreendente, apresenta-se uma outra razão para a derrota alemã e, conseqüentemente, o fracasso de sua doutrina militar. Na França, apesar de sair vitoriosa da Primeira Guerra Mundial e ser beneficiária do Tratado de Versalhes, de acordo com Angela Maria Lungu não havia um alinhamento total entre governo e forças armadas, no sentido de financiamento e até conflito a respeito das políticas administrativas frente à Alemanha<sup>59</sup>. Ela ainda argumenta que, um movimento reacionário de tanto conservadores como socialistas, acabou por minar as tentativas do exército francês em se modernizar, uma vez que houve conflito dentro do país durante a Grande Guerra, o que causou deficiências de financiamento, acabando por dar às forças armadas francesas uma defesa capaz de parar o agressor alemão. Mais ainda, não havia uma milícia coordenada na França, que pudesse fazer frente a um ataque de altas proporções, que acabou por virar realidade, e não havia um líder propriamente dito para coordenar as operações do exército por conta do alto grau de rivalidade em um conflito interno<sup>60</sup>. A França até poderia ser capaz de travar a invasão alemã se houvesse alguma coordenação entre seus generais, como isso não aconteceu, foi relativamente simples para a Alemanha sobrepujar o país e concluir o feito que não realizara em 1914.

No caso da União Soviética, segundo a mesma autora, mostrava-se diametralmente oposto ao caso francês. Os soviéticos possuíam uma boa relação entre o Exército Vermelho e suas lideranças, além de também possuírem uma milícia muito mais organizada que a francesa, o que possibilitou aumentar a dor de cabeça alemã

---

<sup>57</sup> Ibid, p.509.

<sup>58</sup> Ibid, p.501.

<sup>59</sup> LUNGU, Angela M.: Effects of operations: Psychological determinants of blitzkrieg success. Special Warfare, 2002.

<sup>60</sup> Ibid, p.21.

durante a *Operação Barbarossa*. Além disso, ainda de acordo com Lungu, a mudança de comando a partir de 1941-42 acabou por minar bastante as tentativas alemãs de obter um sucesso maior, devido à impaciência de Hitler com o conflito prolongado<sup>61</sup>. Estranhamente, tal atitude contrasta fortemente com o conceito alemão de *Auftragstaktik* que vinha sendo incorporado na doutrina da *Blitzkrieg*, a partir desse momento, todas as decisões táticas deveriam passar pela autoridade de Hitler, o que acabou por dar vantagem ao campo político frente ao campo estratégico, causando grandes reviravoltas durante o conflito.

O último argumento da autora mira a arrogância alemã durante a guerra. De acordo com ela, os alemães, apesar de terem atacado os franceses, os viam como europeus civilizados e isso poderia ter reforçado uma espécie de cautela contra o oponente em questão, aumentando assim o grau de respeito pelo inimigo, fazendo com que o exército tivesse mais cautela, tal situação também se faz verdade para com os britânicos. Já os soviéticos, eslavos, eram considerados pela ideologia nazista como “raça inferior” e isso pode ter afetado o quanto os alemães viam seu inimigo, sendo um incapaz em derrotar a “raça superior” alemã, o que criticamente afetou as suas operações militares<sup>62</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito da História humana porque mudou radicalmente como a guerra é feita. O conceito de guerra total se ampliou para além do âmbito dado em 1914 e o custo de vidas, infelizmente, também recrudescer. As inovações fizeram-se latentes e culminaram com as bombas *Little Boy e Fat Man* em Hiroxima e Nagasáqui, respectivamente, também mostrou que um exército com relativamente poucos recursos, pode deflagrar vitórias contundentes e devastadoras sobre seus inimigos, como demonstrado eminentemente no bombardeio em Roterdã em 1940. A *Blitzkrieg* foi a força que a Alemanha necessitava para atingir os seus objetivos, haja vista as limitações impostas em 1919 pelo Tratado de Versalhes, e que foram transpostas por vários oficiais alemães como demonstrado neste artigo. Com o apoio irrestrito de Hitler, e a primazia de Guderian, os alemães devastaram a Europa entre

---

<sup>61</sup> Ibid, p.22.

<sup>62</sup> Ibid, p.23.



1940 e 1942, acabando por preocupar os aliados em uma possível vitória nazista pelo continente.

Todavia, há de se questionar as vitórias obtidas de maneira tão surpreendentes que até espantaram os Aliados, nomeadamente franceses e sua derrota em 6 semanas. Ao que tudo indica, esse resultado e suas raízes remontam de um desejo germânico do século XIX, e, aparentemente, bem aplicado em guerras com a Sucessão Austríaca e a Franco-Prussiana. Seguindo-se, os alemães falharam em obter sucesso após o Marne em 1914, arrastando uma guerra lenta e desgastante por mais 4 anos, até o armistício em 1918. Frustrados com esse desempenho e imbuídos de um sentimento de humilhação, sentimento este que foi imposto aos franceses em 1871, vários alemães tornaram possível a ascensão do nazismo ao poder, em 1933, e com isso, as doutrinas de guerra alemã puderam tomar o seu corpo novamente e obter o maior nível de sucesso jamais antes visto.

É importante frisar, novamente, que não se incorra no erro historiográfico de fornecer uma função teleológica dos acontecimentos em História. Os alemães, aparentemente, precisavam de uma estratégia que os beneficiasse, porém apenas esta foi possível com os recursos e as circunstâncias que se encontravam, o que poderia não acontecer de fato como se decorreram os eventos após a preeminência da divisão blindada frente às outras táticas. Como apresentou-se, outros oficiais não tinham certeza se esta seria o melhor caminho a se seguir. Talvez se Guderian não tivesse o destaque necessário em sua doutrina, os alemães poderiam ter seguido outro rumo, entretanto os acontecimentos provaram que esses outros oficiais estavam errados.

Difícilmente dar-se-ia para imaginar uma *Blitzkrieg* sem coordenação, como foi apresentado, dados às complexas interações necessárias para que a tática viesse a obter efeito; a *Luftwaffe* apoiando as tropas em solo, bombardeando posições chave, em seguida os blindados alemães em suporte e finalmente o domínio das tropas para fechar o ciclo. Dados os resultados que se apresentaram durante o conflito, parece-me altamente duvidoso de que tal produto foi apenas função do mero acaso das circunstâncias que estavam envolvidos os alemães na década de 1930.

É justo dizer que a Alemanha, aparentemente, não possuía recursos para enfrentar uma guerra longa e demorada, todavia, a partir de 1942, quando a *Blitzkrieg* foi abandonada com Albert Speer, a máquina de guerra alemã demonstrou-se bastante capaz de sobreviver ao conflito durante mais alguns anos. As vitórias iniciais podem ser

justificadas não apenas pela eficiência de suas táticas, como também pela falta de preparo dos seus inimigos. A França encontrava-se completamente descoordenada e sem um norte a ser seguido. Suas esperanças depositadas na Linha Maginot mostraram-se falhas e não puderam prever um ataque alemão pelas Ardenas. Além de seu alto comando amargar conflitos internos, não conseguiram responder à altura que os alemães estavam empenhados em entregar.

Em outros países, como na Bélgica, Países Baixos, Dinamarca e Noruega, todos foram surpreendidos e não possuíam recursos militares para confrontar a *Blitzkrieg*. Assim também ocorreu na Iugoslávia e na Grécia, com a tomada de Creta sendo um dos auge da tática alemã. Quando se viu enfrentar pela União Soviética, tal doutrina não pode ser empregada mais pelas dificuldades de terreno enfrentada pelos alemães, o difícil avanço em território soviético com seu exército bem aparelhado, as dificultosas linhas de logística para abastecer as tropas no *front* e a arrogância alemã de estar enfrentando um inimigo “inferior”, conduziram a Alemanha para a pior derrota militar de sua História, apagando seus feitos no início do conflito, que acabou por enfrentar duas forças poderosas cuja indústria de guerra superaria, e muito, a alemã, fazendo com que sua derrota viesse em questão de anos.

A *Blitzkrieg* foi um produto de seu tempo e de um arcabouço teórico anterior que acabou por tomar forma entre 1939 e 1941. Coordenada, obteve grandes êxitos nas primeiras incursões, porém não se pode omitir que tal projeção apenas foi possível dadas as condições que o exército alemão se encontrava à época. Vale lembrar que a *Kriegsmarine* estava dilacerada e sua esperança foi depositada em seus submarinos, além de uma *Luftwaffe* poderosa que pode alcançar os objetivos propostos. Suas vitórias foram expressivas na frente ocidental, mas não suficientes para vencer o conflito no oriental, fazendo assim com que a Alemanha se afundasse no próprio ideal de grandeza e malograsse a derrota na Segunda Guerra Mundial.

## REFERÊNCIAS

ADDINGTON, Larry H.: The blitzkrieg era and the German General Staff, 1865-1941. Rutgers University Press; 1971.

ALVES, V. C; MORAIS, J. R. G. S.: Da Influência Francesa à Norte-Americana: Análise da Blitzkrieg na Revista A Defesa Nacional (1936-1944). Coleç. Meira Mattos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 59-70, 2016.

ARON, Raymond: Paz e Guerra entre as Nações. Editora Universidade de Brasília, São Paulo, 2002.

BARROSO, Luís F. M.: A Inovação Militar no período entre guerras e o início da II Guerra Mundial. O desenvolvimento da Blitzkrieg, a tradição germânica e os contactos germano-russos nos anos 1920. Revista Militar, p. 224–237, 2014.

BEAL, L. I.; SULZBACH DE ANDRADE, D.; FERRAZZA MONTEIRO, V. A Blitzkrieg e as Armas Combinadas: análise da importância do aerotransporte. Conjuntura Austral, v. 10, n. 51, p. 46–60, 2019.

BEAUFRE, Andre: Introdução à Estratégia. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

BEEVOR, Antony: A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, São Paulo. Editora Record, 2015.

BUNN, Catherine. B. L.: “The Form Changes, the Spirit Remains the Same”: German Officer Training, 1919-1938. North Carolina State University, Raleigh, 2019.

CADDICK-ADAMS, Peter: Phoney war and blitzkrieg: The territorial army in 1939–1940. RUSI Journal, v. 143, n. 2, p. 67–74, 1998.

CITINO, Robert M.: The Path to Blitzkrieg: Doctrine and Training in the German Army 1920-39, 2008.

CLAUSEWITZ, Carl Von: Da Guerra. Tradução de Michael Howard e Peter Paret, 1984.

DOUGHTY, Robert A.: The Breaking Point: Sedan and the Fall of France, 1940. Mechanicsburg, Stackpole Books, 1990.

FODOR, Marcel. W.: The Blitzkrieg in the Low Countries. Foreign Affairs, v. 19, n. 1, p. 193, 1940.

FRIESER, Karl-Heinz: The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West. Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 2005.

HARRIS, J. P.: Myth of Blitzkrieg. War in History, v. 2, n. 3, p. 335–352, 1995.

KEEGAN, John: The Second World War. Penguin Books, Edição Reprint, 2005.

LUNGU, Angela M.: Effects of operations: Psychological determinants of blitzkrieg success. Special Warfare, 2002.

MILWARD, Alan S.: The Economic History Review Vol. 16. N° 3, 1964.

MITCHAM JUNIOR, Samuel W.: BLITZKRIEG NO LONGER The German Wehrmacht in Battle, 1943. Grã-Bretanha, 2010.

MOSIER, John: The Blitzkrieg Myth: How Hitler and the Allies Misread the Strategic Realities of World War II. Perennial, Nova Iorque, 2004.

NAVEH, Shimon: In Pursuit of Military Excellence: The Evolution of Operational Theory 1997.

NIGEL, Thomas: *The German Army in World War II: Great Britain*, Osprey Publishing, 2002.

ONG, Weichong: *Blitzkrieg: Revolution or evolution?* *RUSI Journal*, v. 152, n. 6, p. 82–87, 2007.

PEREIRA JUNIOR, Athayr. A.: *A blitzkrieg alemã e a evolução da arte da guerra*. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça 2010.

RAUDZENS, George: *Blitzkrieg ambiguities: Doubtful usage of a famous word*. *War and Society*, v. 7, n. 2, p. 77–94, 1989.

SCHECK, R.; RIPLEY, T. *The Wehrmacht. The German Army in World War II 1939-1945*. *German Studies Review*, v. 27, n. 3, p. 648, 2004.

THOMAS, B. *Blitzkrieg under fire: German rearmament, total economic mobilization, and the myth of the " Blitzkrieg strategy: 1933-1942*. 2000.

TOVY, Tal. *1930s German Doctrine A Manifestation of Operational Art*. *Military Review*, v. 56, n. June 2015, 1940.